

PATU • ANTJE SCHRUPP

... UMA BREVE HISTÓRIA DO ...  
**FEMINISMO**  
NO CONTEXTO EURO-AMERICANO



Blucher

... UMA BREVE HISTÓRIA DO ...

# FEMINISMO

NO CONTEXTO EURO-AMERICANO

Uma breve história do feminismo no contexto euro-americano  
Título original: *Kleine Geschichte des Feminismus im euro-amerikanischen Kontext*  
© Editora Blucher, 2019  
© Unrast Verlag, 2015

Projeto gráfico: Patu

Patu agradece a todos que cooperaram com esta história em quadrinhos com seu apoio, críticas e sugestões. Sobre tudo, um grande obrigado a mAhA81, Farzaneh e Fritz!

## Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)  
[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 5. ed. do *Vocabulário  
Ortográfico da Língua Portuguesa*,  
Academia Brasileira de Letras, março  
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial  
por quaisquer meios sem autorização  
escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Schrupp, Antje

Uma breve história do feminismo no contexto  
euro-americano / Antje Schrupp ; tradução de  
Eline Alves Kraus ; ilustrações de Patu. –  
São Paulo : Blucher, 2019.

88 p. : il.

ISBN 978-85-212-1403-8 (impresso)

ISBN 978-85-212-1404-5 (e-book)

Título original: *Kleine Geschichte des  
Feminismus im euro-amerikanischen Kontext*

1. Feminismo 2. Feminismo – História  
I. Título. II. Kraus, Eline Alves. III. Patu.  
19-0189 CDD 305.4209

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Feminismo – História

## EVA E ADÃO OU: O QUE É FEMINISMO, AFINAL DE CONTAS?

Quase todas as culturas fazem uma distinção entre diferentes sexos – na maioria das vezes, mas nem sempre, entre exatamente dois sexos: o masculino e o feminino. É isso que nos conta, por exemplo, o mito bíblico da criação, a história de Adão e Eva.

*“Então lahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, lahweh Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem. Então o homem exclamou: ‘Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!’”*

Hoje em dia, isso é frequentemente compreendido como se o homem tivesse sido criado primeiro e a mulher em seguida, “da sua costela”. No entanto, a palavra hebraica “Adam” não é um nome masculino, mas significa simplesmente “ser humano”. Adão ainda não tinha um sexo. Com a criação de Eva, portanto, não foi só a mulher que veio ao mundo, mas, muito mais que isso, a distinção entre os sexos: o ser humano de sexo neutro “Adam” tornou-se mulher e homem.

A equiparação de Adão com o homem já mostra, no entanto, onde está o problema: em muitas culturas os homens são confundidos com o ser humano em si. Algumas línguas têm até mesmo apenas uma palavra para ambos (*homme* em francês, por exemplo). Os homens representam, portanto, os “seres humanos em si”, enquanto as mulheres são consideradas seres de alguma forma derivados, deficitários, subordinados.

Isso tem sempre consequências práticas que, no entanto, variam de acordo com a região do mundo, a ideologia dominante e a época: mulheres têm, por exemplo, menos direitos, menos dinheiro, podem aparecer em público apenas de forma restrita, têm menos acesso a posições de poder. Ou – em sociedades emancipadas – elas até são “equiparadas” aos homens, mas para isso precisam ter como parâmetro uma norma masculina.

Essa posição privilegiada do masculino chama-se “patriarcado” (literalmente: soberania do pai) e existe em muitas formas e variantes diversas. Quase sempre essa forma de hierarquia abrange, além da relação entre os sexos, também outras formas de soberania: do senhor da casa sobre seus filhos, criados e servos; dos homens livres sobre as escravas e os escravos; dos “nativos” sobre os imigrantes; dos “abastados” sobre a “classe baixa” e assim por diante.

Como exatamente o patriarcado surgiu na história e quais foram as suas causas é um tema controverso. Alguns o veem como consequência de desdobramentos históricos que começaram há cerca de 5.000 anos com a suplantação gradual de culturas anteriores. Outros acreditam que ele seria uma consequência inevitável do fato de que nem todos os seres humanos ficam grávidos e dão à luz filhos. A partir disso teria se formado uma divisão do trabalho baseada no sexo, em prejuízo da mulher. Já outros rejeitam o termo “patriarcado” por completo por ele colocar muitos fenômenos demasiadamente diferentes em uma panela só.

De fato, sociedades “patriarcais” são tão diversas entre si que o termo não é suficiente para uma análise das relações concretas. Mas, mesmo assim, elas têm algo em comum: em todas as sociedades patriarcais há também feminismo – ou seja, pessoas, na maioria das vezes mais mulheres que homens, que rejeitam a supremacia do masculino sobre o feminino em sua cultura e que defendem a liberdade das mulheres.

Feminismo não é, portanto, um programa de conteúdo fixo, mas uma atitude: feministas, tanto mulheres quanto homens, consideram a distinção entre os sexos um instrumento de análise importante sem o qual não é possível compreender processos e relações sociais. E, em seu ativismo, eles se orientam pelo critério da liberdade feminina, pois a liberdade das mulheres tem em si um valor que não precisa ser justificado.

De resto, diversas feministas defendem pontos de vistas completamente diferentes e, às vezes, até contraditórios, que são sempre influenciados por questões e problemas concretos de sua época – e, é claro, pelas ideias e pelos pontos de vistas subjetivos da pensadora ou ativista em questão.

Portanto, quem quer entender as ideias feministas precisa sempre enxergá-las em seu contexto e não deve jamais exigir uma definição inequívoca. Ninguém escapará de formar para si uma opinião e de adotar um ponto de vista próprio. Pois não existe “um único feminismo”, apenas novas propostas, resultados de pesquisas e descobertas que surgem o tempo todo.

Algumas dessas ideias e tendências são apresentadas neste livro. Nele, a ênfase está no feminismo europeu e ocidental, pois essa é a tradição na qual o discurso alemão está integrado e com a qual as autoras estão familiarizadas. O feminismo, no entanto, existiu e existe em todo lugar do mundo, ele apenas parece diferente dependendo das circunstâncias.

## A ANTIGUIDADE

Os primeiros textos conhecidos da Antiguidade europeia – da Grécia e da Roma antigas, por assim dizer – são originários de sociedades patriarcais. Por conta disso, apenas ideias filosóficas e políticas quase que exclusivamente masculinas chegaram até nós; somente alguns poucos textos dessa época podem ser inequivocamente atribuídos a mulheres. Portanto, o que as mulheres daquela época pensavam, com o que elas se ocupavam ou quais eram as suas concepções a respeito do convívio entre os seres humanos são temas que, infelizmente, permanecem na escuridão.



Algumas pistas fragmentárias escritas por mulheres chegaram até nós. Assim, sabemos que a poetisa Safo, que escreveu poemas de amor e erotismo, viveu em Lesbos, supostamente entre os séculos VII e VI antes de Cristo.



A filósofa Ptolemaida escreveu, provavelmente no século III, um livro sobre os princípios pitagóricos da música. Além disso, Platão menciona a filósofa Diótima, que teria sido professora de Sócrates. Sua existência histórica, no entanto, não está comprovada.

Na bíblia hebraica, aparecem várias mulheres de grande importância, como a profeta Miriã ou a líder política Ester. No movimento de Jesus também houve mulheres importantes, como as apóstolas Júnia, Tecla e Maria Madalena.



E no século IV, a matemática Hipátia ensinava em Alexandria. No ano 415, ela foi assassinada por monges cristãos fanáticos.



Como textos próprios de mulheres dessa época não chegaram até nós, podemos deduzir suas ideias apenas de forma indireta.

Para tanto, vamos dar uma olhada em um período da vida do missionário protocristão Paulo:



Na realidade, no entanto:



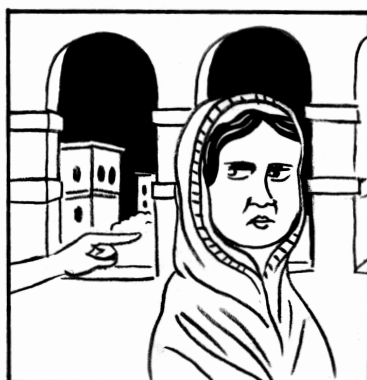
A repreensão de Paulo não teria sido necessária se as mulheres realmente sempre tivessem ficado caladas nas congregações.

Durante toda a Antiguidade, foram escritos textos advertindo as mulheres a levarem uma vida recatada, a se submeterem aos homens e especialmente aos seus maridos, a cumprirem seus deveres domésticos, a não fazerem exigências e assim por diante.





Especialmente nos séculos II e III parece ter havido uma discussão mais ampla a respeito do papel da mulher. Em alguns textos pertencentes à escola filosófica do "gnosticismo", é desenvolvida a ideia de uma espiritualidade e uma inteligência quase "assexuadas" que poderiam ser alcançadas também por mulheres caso elas "se tornassem como homens".



## O FEMINISMO NA IDADE MÉDIA

Na Idade Média, o cristianismo foi pouco a pouco se tornando a visão de mundo predominante na Europa.



Atenção, agora vêm os cristãos!



Eu fui escolhido por Deus como representante Dele na Terra!

Mentira! Fui eu!



Aqueles caras lá em cima estão me dando nos nervos! Prefiro ficar aqui embaixo com você!



Embora a igreja fosse uma organização rigorosamente hierárquica e exclusivamente masculina, havia muitas mulheres que não se subordinavam a essa hierarquia. Elas não rejeitavam o cristianismo em si, mas reivindicavam um acesso direto a Deus, independente do clero, por meio de visões e conhecimentos místicos, por exemplo. Com frequência, elas justificavam essa reivindicação dizendo que ensinamentos eclesiásticos criados por homens não poderiam ter validade para elas, as mulheres.

A abadessa alemã Hildegarda de Bingen (1098-1179), por exemplo, teve inúmeras desavenças com autoridades (seculares e eclesiásticas) de sua época. Ela alegava ter visões que lhe permitiam adentrar uma ordem superior, cosmológica.

Se Deus é masculino, então o masculino é Deus.



É isso aí, cara.



Mary Daly (1928-2010), inicialmente uma teóloga católica, foi uma das precursoras mais importantes da teologia feminista no século XX. Seu livro *Além do Deus Pai* (*Beyond God the Father*), publicado em 1973, influenciou muitas mulheres. Mais tarde, a própria Daly virou por completo as costas para Igreja.

Muitas místicas defendiam a ideia de que seria mais fácil para as mulheres ter um acesso direto a Deus (hoje em dia nós diríamos: saber quais atitudes são corretas) pelo fato de elas não estarem integradas nas estruturas seculares de poder.

Algumas mulheres desafiavam abertamente a Igreja, como Guilhermina da Boêmia, por exemplo, que no ano de 1280 teve uma visão.



Dois anos depois...

*Maifreda, eu vou morrer logo. Termine o que eu comecei. Você precisa fundar uma igreja sob uma hierarquia feminina.*



No entanto, as seguidoras e os seguidores de Guilhermina foram denunciados à Inquisição e Maifreda foi queimada como herege no ano de 1300.



De modo geral, havia desde o século XIII, em toda a Europa, um anseio cada vez mais forte entre as mulheres por uma vida comunitária além do casamento e do monastério. Mulheres viviam em pares ou em pequenos grupos e trabalhavam juntas. Mas havia também conventos organizados de maior porte, com até cem membros. Outras saíam sozinhas ou em grupos mundo afora.

Logo surgiu um termo genérico para isso: “beguinhas”. Algumas comunidades não tinham regra alguma, outras elaboravam contratos minuciosos para a vida em comum. A maioria dos conventos de beguinhas financiava-se por meio do trabalho de seus membros, fosse no artesanato, no cuidado dos doentes ou no comércio.



Uma das beguinhas mais conhecidas foi a francesa Margarida Porete (1260-1310, aproximadamente) cujo livro *O espelho das almas simples e aniquiladas* foi o primeiro livro didático religioso em língua vernácula (em vez de latim). Nele, ela escreve que “Deus” só poderia ser encontrado por meio do amor, ou seja, não por meio da Igreja, tampouco por meio da razão ou da virtude. Tudo dependeria da capacidade de cada pessoa “de amar”, isto é, de agir corretamente em uma determinada situação concreta. Leis e regras abstratas não contribuiriam para o bem no mundo – olhando por esse lado, pode-se até mesmo ver em Margarida Porete uma anarquista vanguardista. *O espelho* não é, portanto, um tratado filosófico, mas a descrição de um caminho prático, experimental (muito semelhante à literatura do movimento feminista na década de 1970).



Paris, Pentecostes de 1310



Mesmo assim, seu livro continuou sendo divulgado. Ainda no século XIV surgiram traduções para latim, inglês e italiano.

Embora no início a Igreja ainda tolerasse as beguinhas, elas passaram a ser cada vez mais perseguidas nos séculos XIV e XV. As comunidades foram destruídas ou obrigadas a se transformar em conventos controlados pela Igreja. Apesar disso, algumas dessas comunidades sobreviveram até o século XIX.



Mas dentro dos conventos oficiais de mulheres também havia tradições femininas independentes. A abadessa espanhola Teresa de Ávila (1515-1582), por exemplo, criou regras próprias para os conventos fundados por ela, pois ela era da opinião de que as ordenanças criadas por homens não poderiam ser úteis para as mulheres. Contra ela também foi aberto um processo inquisitório, mas, no final, seus ensinamentos foram reconhecidos como ortodoxos e, em 1622, Teresa foi canonizada. Em 1970 ela foi a primeira mulher a ser elevada a doutora da Igreja.



É importante não contemplar a qualidade das ideias feministas pelas lentes das ideologias dominantes. Assim como a Igreja queimou na fogueira algumas mulheres que pensavam de forma original e declarou outras santas, algumas ideias feministas são hoje incorporadas pelo neoliberalismo e outras são ridicularizadas como utópicas.

Com a Reforma no século XVI, muitos conventos femininos foram dissolvidos à força e as mulheres que lá viviam tiveram de se casar para poder sobreviver. Isso também significou, em muitos lugares, uma destruição de estilos de vida e tradições femininas próprias.

Somente com a teologia feminista no século XX muitas dessas tradições – que não apareciam na historiografia eclesiástica escrita por homens – foram redescobertas.

*Ai de vocês se me desenharem como um homem velho barbudo de novo!*



## O FEMINISMO NA IDADE MODERNA

Na Idade Moderna, as concepções cristãs foram aos poucos sendo suplantadas por ideias do Estado nacional, do sistema jurídico e da ciência. Infelizmente, isso não significou também uma melhora na situação das mulheres, pois agora argumentava-se, supostamente, "de forma objetiva"...

*Deixemos, por ora, a vontade de Deus e o pecado original de Eva de lado...*



*... mesmo assim, as novas descobertas científicas mostram que mulheres são seres inferiores.*

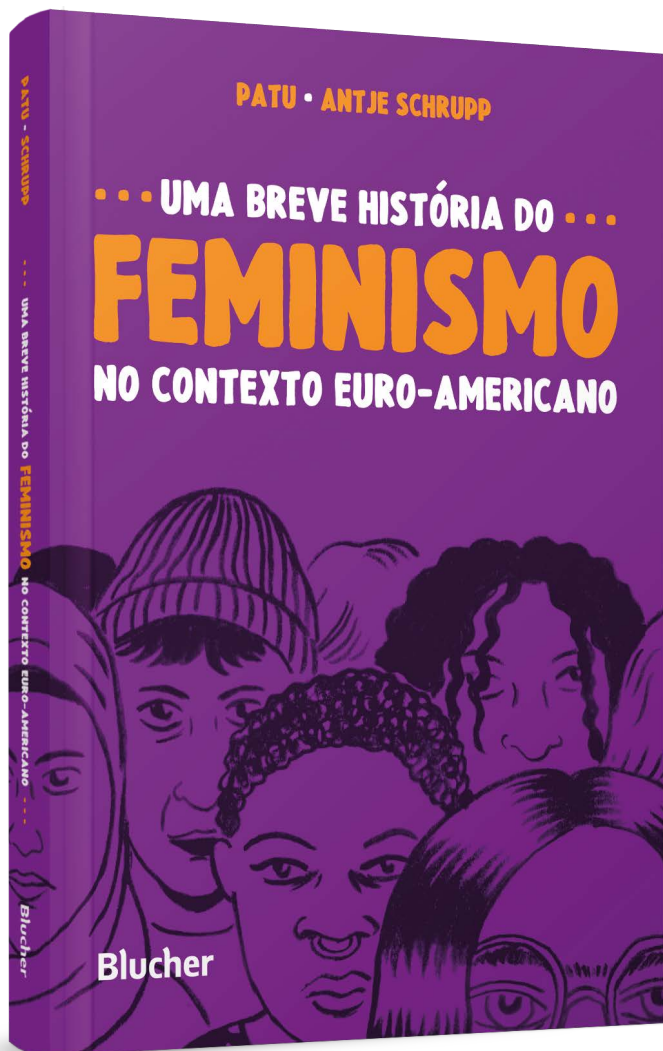
*Sim, e nós juristas só podemos ratificar esse fato.*



Uma das feministas mais importantes do início da Idade Moderna, cujo impacto nós conhecemos até hoje, é a filósofa e escritora francesa Cristina de Pisano (1365-1430). Ela publicou em 1405 *O livro da Cidade das Mulheres* (*Le Livre de la Cité des Dames*), no qual ataca com perspicácia e ironia sutil as opiniões misóginas de muitos dos seus contemporâneos, especialmente a ideia amplamente difundida de que as mulheres teriam menos talentos e competências que os homens.

*Como é que tantos homens podem difundir coisas tão horríveis sobre as mulheres?*





Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

# Uma Breve História do Feminismo

**Patu**  
**Antje Schrupp**

ISBN: 9788521214038

Páginas: 88

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019